

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ELAINE ROBERTA CHARAVARA CORDEIRO

A EDUCAÇÃO COMO FORMAÇÃO PARA A EMACIPAÇÃO SEGUNDO A
FILOSOFIA DE ADORNO

CURITIBA
2015

ELAINE ROBERATA CHARAVARA CORDEIRO

A EDUCAÇÃO COMO FORMAÇÃO PARA A EMACIPAÇÃO SEGUNDO A
FILOSOFIA DE ADORNO

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, do setor de filosofia da UFPR, como requisito parcial à obtenção do grau de especialista.

Orientador: Prof. Dr. PAULO VIEIRA NETO

CURITIBA
2015

TERMO DE APROVAÇÃO

ELAINE ROBERTA CHARAVARA CORDEIRO

A EDUCAÇÃO COMO FORMAÇÃO PARA A EMACIPAÇÃO SEGUNDO A FILOSOFIA DE ADORNO

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, Curso de Pós-graduação do Departamento de Filosofia, Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. PAULO VIEIRA NETO
Orientador – Departamento de Filosofia, UFPR

Prof.
Parecerista

Prof.
Parecerista

Curitiba,

Dedico esse trabalho aos meus filhos, Vitor Henrique Cordeiro e Bernardo Cordeiro, seres iluminados os quais me fazem ir em busca do melhor que posso ser. Meu marido, Renato Cordeiro, companheiro, amigo, namorado e grande incentivador das minhas conquistas. A minha mãe por ser amável, amiga e carinhosa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores da UFPR pela oportunidade de estudar em um curso que contribuiu para a minha formação, proporcionando conhecimentos que até então eram desconhecidos.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Paulo Vieira Neto, a quem expresso publicamente meu respeito, admiração e apreço, por compartilhar seus conhecimentos.

Aos meus familiares e amigos, pelo apoio, paciência e compreensão dos momentos de ausência e oscilações de humor.

As minhas amigas, companheiras de viagem ao polo de Serro Azul, Roseane Almeida Silva, Kelly Pereira de Oliveira e Andreia Pimentel, pela experiência compartilhada, pelo carinho e amizade. E em especial a minha amiga Daniela Gut, pelo incentivo no desenvolvimento deste trabalho.

Ao Curso de Pós-Graduação em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, do Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná, na pessoa do seu coordenador Prof. Dr. Daniel Laskowski Tozzini, pelo apoio recebido.

Quem ensina sem emancipar, embrutece.
E quem emancipa não tem que se
preocupar com aquilo que o emancipado
deve aprender.

Rancière.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo a análise do conceito emancipação a partir da filosofia de Theodor W. Adorno. A emancipação é uma das metas para a educação, pois é a partir da emancipação que podemos livrar o homem da barbárie. O exemplo de barbárie utilizado por Adorno é o campo de concentração localizado em Auschwitz. A abordagem é feita a partir da reflexão em como evitar a barbárie entre os homens no objetivo de que ela não volte a acontecer. Durante o trabalho são discutidos conceitos de autoridade, alienação, política e emancipação. Pretende-se assim discutir qual é o papel da educação para evitar a barbárie, alienação e a sujeição.

Palavras-chave: Barbárie, Emancipação, Autoridade, Educação.

ABSTRACT

This study aims to analyze the concept emancipation from the philosophy of Theodor W. Adorno. Emancipation is one of the goals for education as it is from the emancipation we can rid the man of barbarism. The example of barbarity used by Adorno is the concentration camp located at Auschwitz. The approach is made from the reflection on how to avoid barbarism among men in order that it does not happen again. During the work are discussed concepts of authority, alienation, and political emancipation. The aim is to discuss what is the role of education to prevent barbarism, alienation and subjection.

Keywords: Barbarity, Emancipation, Authority, Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 CONTEXTO HISTÓRICO. O QUE ADORNO ENTENDE POR EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO.	10
2.1 PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES	10
2.2 ESCOLHA DA DEMOCRACIA	11
2.3 ELABORAR O PASSADO	12
3 Educação após Auschwitz. A importância da tomada de consciência.....	15
3.1 PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES	15
3.2 SUJEIÇÃO E RESISTENCIA	16
4 EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO	20
4.1 PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES	20
4.2 PROCESSO PARA EMANCIPAÇÃO	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	24
DOCUMENTOS CONSULTADOS ON LINE	24

1 INTRODUÇÃO

A questão da emancipação é uma das necessidades educacionais e sociais que mais precisam ser trabalhadas nas salas de aulas e na sociedade. A emancipação de sujeitos tem por objetivo principal evitar alienação e a volta a barbárie. Barbárie demonstrada pelas atrocidades cometidas pelo regime nazista, mas precisamente no campo de concentração em Auschwitz.

O trabalho está dividido em três momentos, no primeiro momento é feita uma análise na introdução da democracia na Alemanha, em como se instalou a democracia, qual a relação em emancipação e a escolha política. O desenvolvimento social após o nazismo. O problema da falta de conscientização da falta de esclarecimento das pessoas, sujeitando-se a diversas formas de autoridade, a partir da ingenuidade e imaturidade política e social.

O terceiro momento é abordado a questão de elaborar o passado. Porque as pessoas se negam a recordar o que aconteceu durante o regime nazista. Muitas negam por medo de assumir a culpa, pois neste caso não recordar produz o efeito de inexistente. Mas são a partir das lembranças que se pode refletir sobre tudo o que aconteceu e o que contribuiu para que o regime nazista fosse tão monstruoso. Analisando assim, as causas. Também é discutido a questão do eu coletivo, da falta de consciência da própria vida. Da vontade de ser governado pelos outros e da falta de autodeterminação. A sujeição das pessoas a partir do momento em que não pensam por si próprias, mas aceitam tudo que lhes é imposto.

No quarto momento, são analisadas a sujeição e a resistência. No âmbito da sujeição é abordado a questão da barbárie, mais precisamente em entender o que é a barbárie, quais os sintomas e suas consequências. Também são elencadas a questão da educação na formação dos sujeitos emancipados. Assim como os modelos de autoridade que contribui para o processo de emancipação.

2 CONTEXTO HISTÓRICO. O QUE ADORNO ENTENDE POR EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO.

2.1. Primeiras considerações.

O pensamento de Adorno referente a educação e emancipação é uma análise, um convite a reflexão sobre o sistema educacional, mais precisamente em como a educação pode emancipar sujeitos sujeitados e romper com a barbárie, evitando assim, a violência e a alienação. No entanto para que a educação consiga educar os sujeitos para uma vida emancipada, com autonomia para decidir por si próprio, é necessário mudar todo o sistema de ensino e social. Ou seja, um repensar a educação.

Não se pode pensar que educar é apenas aprender métodos, é preciso ir além do modelo tradicional e pensar em uma educação emancipadora, que proporcione ao indivíduo autonomia para viver em sociedade, e assim desfrutar da sua liberdade.

Para Adorno, a educação é capaz de transformar e de desenvolver a capacidade de decidir a partir do discernimento das capacidades da razão, isso é. A educação é unicamente capaz de livrar o homem da barbárie dos outros e da própria barbárie, a partir da reflexão do passado como pressuposto para uma vida responsável e emancipadora.

Adorno utiliza como exemplo o nazismo, expressão e autenticidade do fascismo e da barbárie, segundo Adorno é preciso recordar o passado, para assim ter uma nova posição dos fatos que levaram o nazismo a ser esse exemplo tão monstruoso de barbárie e autoridade. Esse recordar o passado, não é meramente no sentido da culpa, mas sim, uma nova leitura daquilo que aconteceu. O autor explica que, na Alemanha após o nazismo, evitava-se lembrar das monstruosidades do nazismo, pois essas lembranças não são boas recordações. Não foi a monstruosidade que a fez não ser recordada, mas sim a condição social do desenvolvimento. Segundo Adorno. “Quando a humanidade se aliena da memória, esgotando-se sem fôlego na adaptação ao existente, nisto reflete-se uma lei objetiva de desenvolvimento.” (Adorno. 2012. P 33.)

2.2 Escolha pela Democracia

As lembranças do nazismo, são lembranças desagradáveis, de uma época, em que o fascismo e a barbárie tomou conta da Alemanha. É neste cenário, que se encontra a Alemanha após este período monstruoso. Na medida em que a democracia se estabelece, o desenvolvimento também começa a se estabelecer. Com o desenvolvimento, o esquecimento do nazismo pode ser entendido a partir da situação econômica e social atual. No entanto, a democracia não se estabeleceu a partir da escolha consciente de um povo. Ou seja, não foi escolhida a partir da vontade de um povo racional e emancipado, mas sim escolhida por que em outro país ela deu certo. Ela foi avaliada pelo sucesso, não como expressão de emancipação de um povo. Isso é, ela foi imposta a todos, não pelo poder de escolha, mas sim porque para todos no pensar coletivo ela poderia ter sucesso como aconteceu nos Estados Unidos da América. Adorno explica melhor esse contexto:

(...). Ela é apreendida como sendo um sistema entre outros, como se num cardápio escolhêssemos entre comunismo, democracia, fascismo ou monarquia; ela não é apreendida como identificando-se ao próprio povo, como expressão de sua emancipação. Ela é avaliada conforme o sucesso ou o insucesso, de que participam também os interesses individuais e o interesse geral; e, de fato, a delegação parlamentar da vontade popular torna esta muitas vezes uma questão difícil nos modernos Estados de massa. (Adorno. 2012.P 35.)

As pessoas demonstram sua incapacidade para determinar como deveria organizar a sociedade. Uma demonstração explícita da ingenuidade e imaturidade política e social, isso é, após o nazismo, as pessoas não estavam ocupadas com interesses políticos, se a democracia seria o melhor sistema político para a Alemanha, ou se a condição social do desenvolvimento era favorável, elas queriam de certa maneira esquecer o mal que a guerra trouxe e tentar reerguer o seu país. Mesmo que a escolha do sistema político, fosse de certa forma imposta por outro país, a saber, Estados Unidos da América. Para Adorno “ Na linguagem da filosofia poderíamos dizer que na estranheza do povo em relação à democracia se reflete a alienação da sociedade em relação a si mesma. ” (Adorno 2012. P 36.)

A democracia para ser democracia precisa funcionar em conformidade com seu conceito democrático, o que não aconteceu na Alemanha, pois o poder de escolha do povo estava diretamente ligado a alienação e a falta de esclarecimento. A democracia para funcionar perfeitamente precisa de pessoas emancipadas e não sujeitadas. Segundo Adorno. “ Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado. ’ (ADORNO, 2012, p,142).

Aqueles que se alienam são responsáveis pela não resistência, ou seja, as pessoas não tinham a capacidade de decidir o que seria melhor para o cenário na Alemanha após a queda do nazismo.

Algumas até defendiam o nazismo, pois engana-se pensar que todos os alemães odiassem o sistema nazista. Segundo Adorno.

(...)Além do mais, é ilusório imaginar que o regime nazista nada tenha significado além de pavor e sofrimento, embora tenha também este significado inclusive para muitos de seus próprios adeptos. Muitos viveram muito bem sob o fascismo. O terror só se abateu sobre um pequeno número de grupos relativamente bem definidos. (Adorno 2012. P38.)

O nazismo também proporcionou o orgulho nacional, isso é o narcisismo coletivo, que Hitler pregava em seu regime de nazista. Os Alemães sentiam orgulho pelo seu país, orgulho que foi gravemente danificado pela queda do regime nazista. Esse orgulho se reflete após a queda do regime nazista, como no sentido sócio psicológico, ou seja, orgulho de um passado não dominado, que no fundo ainda permanecem, na esperança de que o narcisismo coletivo seja sanado, modificando assim a realidade para que os danos e lembranças sejam ocultas.

2.3. Elaborar o passado

O ideal narcisismo coletivo funde-se com o ideal fascista, criando assim, o nacionalismo fascista e o nacionalismo comunista, com tudo, após a derrota do regime nazista, o nacionalismo torna-se ultrapassado. A ideia de nação que uniu interesses dos cidadãos independentes, tornou-se contraditória na sociedade em conjunto, mas a ideia de nação contribui para que interesses da comunidade na economia internacional ganhasse força com milhares de pessoas, mesmo não sendo vontades e interesses individuais aplicadas no coletivo. Ou seja, o

nacionalismo, tem sua sobrevivência a partir da necessidade de juntar todos para contribuir com o todo, contudo essa “sobrevivência” não condiz com um povo emancipado, mas sim como o poder manipulatório e opressor em depender de várias pessoas para objetivar o coletivo, e não o seu próprio eu.

(...) A forma de organização política é experimentada como sendo inadequada à realidade social e econômica; assim como existe a obrigação individual à adaptação, pretende-se que haja também, obrigatoriamente, uma tal adaptação um balizamento do Estado como megaempresa na aguerrida competição de todos. Os que pertencem impotentes não conseguem suportar uma situação melhor sequer como mera ilusão; preferem livrar-se do compromisso com uma autonomia em cujo termos suspeitam não do poder viver, atirando-se no cadinho do eu coletivo. (Adorno, 2012, p. 44).

O eu coletivo priva as pessoas de exercer a sua autonomia, e a ausência do poder de escolha, apenas aceitando as situações que lhe são impostas a partir do eu coletivo, ou seja, um estado de não emancipação. Isso se reflete no cenário social e econômico, a ordem econômica segue o seu modelo imposto as pessoas, a indústria cultural contribui, não deixa outra escolha a não ser adaptar-se com as condições impostas. Essa adaptação com as condições impostas resulta em uma não emancipação, e o não se emancipar diante do contexto faz parte do não repensar o passado. O passado vive nas lembranças, nos questionamentos e no falso esquecimento. O esclarecimento acerca do que aconteceu provoca mal-estar nas pessoas. O esquecimento poderia ser banido a partir da educação, no entanto a educação está limitada a não proporcionar o esclarecimento, deixando assim as pessoas com a falsa impressão que se não falar no nazismo, ele não poderá voltar. A justificativa do esquecimento é vaga, assim como as críticas a educação política na Alemanha, pois onde a educação política é levada a sério, ela funciona, pois é notório que a educação consegue livrar as pessoas do fascismo

(...). Sobretudo o esclarecimento acerca do que aconteceu precisa contrapor-se a um esquecimento que facilmente converge em uma justificativa do esquecimento, seja por parte de pais que enfrentam a desagradável pergunta acerca de Hitler por parte de seus filhos e que, inclusive para se inocentar, remetem ao lado bom e que propriamente não foi tão terrível assim. É moda na Alemanha falar mal da educação política, que certamente poderia ser melhorada, porém existem dados da sociologia da educação indicando que, onde a educação política é levada a sério e não como simples obrigação inoportuna, ela provoca um bem maior do que normalmente se supõe. (Adorno, 2012. P 45.)

Dessa forma o esclarecimento está diretamente intercalado com a elaboração do passado, como forma de tomada de consciência, isso é, a partir da elaboração do passado que os sujeitos podem ter autoconsciência do que aconteceu e do que poderá acontecer a partir do esclarecimento do seu próprio eu. O fato de não repensar o passado interfere na sujeição de sujeitos não emancipados, e que não são capazes de escolher e estão limitados a escolha dos outros, isso é, a alienação. A alienação de grandes massas, acontece pela falta de consciência do passado e do presente que permanecerá vivo, até que este seja elaborado. Segundo Adorno. “ O passado só estará plenamente elaborado no instante em que estiverem eliminadas as causas do que passou. O encantamento do passado pôde manter-se até hoje unicamente porque continuam existindo as suas causas. (Adorno, 2012. P 49.)

3.0. Educação após Auschwitz. A importância da tomada de consciência.

3.1. Primeiras considerações

Auschwitz, localizado na Polônia, tomado pelo exército nazista, foi o campo de concentração e extermínio de milhares de pessoas. Algumas foram assassinadas outras foram deixadas ali para morrer de fome, doenças, ou utilizadas para experimentos científicos. Outras morreram de trabalho escravo, trabalhando sem pausa, sem alimentação e doentes. Auschwitz, é a barbárie em sua mais fria e calculada expressão.

O que aconteceu em Auschwitz, não pode ser considerado como um fenômeno superficial, o fato de resumir todas as mortes em números, torna este ato desumano. As pessoas foram assassinadas a partir de um plano, tudo que aconteceu em Auschwitz foi detalhadamente arquitetado. As monstruosidades cometidas nos campos de concentração, demonstram o que a falta de consciência de si próprio, pode ocasionar quando se submetem a vontade imperativa da coletividade, sem a toma de consciência.

A questão da importância da tomada de consciência, torna-se uma meta para a educação após Auschwitz, mais precisamente, que Auschwitz não se repita.

A necessidade em falar sobre o que aconteceu em Auschwitz, não é um mero saber histórico, mas uma forma de conscientizar as pessoas que não trabalhar o que causou e foi condizente com Auschwitz, é não dar importância para a barbárie, apenas deixa-la existir.

O não querer abordar o tema barbárie, é assustador, pois durante toda a história mundial se reconhece a barbárie a partir dos atos. Segundo Adorno. “ Isto só para indicar como as forças às quais é preciso se opor integram o curso da história mundial” (Adorno, 2012. P.121). É necessário repensar a barbárie, como conscientização de atos, os quais todos que participam são responsáveis. É necessário investigar as raízes da barbárie nos causadores deste mal, e não em suas vítimas. A tomada de consciência precisa ser entendida a partir dos culpados que fizeram ou participaram ativamente ou externamente dos atos. Para Adorno ocorre que.

(...) “Culpados são unicamente os que, desprovidos de consciência, voltaram contra aquele seu ódio e sua fúria agressiva. É necessário

contrapor-se a uma tal ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias. A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão crítica.” (Adorno, 2012. P, 121).

A educação como autorreflexão crítica, tem as suas bases formadas na primeira infância, o caráter é construído na primeira infância, por esse motivo que a educação infantil é importante para evitar a repetição da barbárie. A educação na primeira infância está ligada diretamente nos fatos culturais e sociais. A formação dos indivíduos, precisa ser uma formação para a resistência e não para a dominação, pois a ausência de consciência no sentido resistência, resulta em contrapor o esclarecimento, a partir da sedução do crime e da falta de capacidade de discernir. Sujeitando-se a vontade coletiva autoritária. Como afirma Adorno.

(...). Quando falo de educação após Auschwitz, refiro-me a duas questões: primeiro, à educação infantil, sobretudo na primeira infância; e, além disto, ao esclarecimento geral, que produz um clima intelectual, cultural e social que não permite tal repetição; portanto, um clima em que os motivos que conduziram ao horror tornem-se de algum modo conscientes. (Adorno, 2012. P123.)

3.2. Sujeição e resistência.

A não consciência de sujeição a autoridade, tem a haver com a falta de preparo para a autodeterminação, a saber, o esclarecimento, capacidade de sair da menoridade e decidir com autodeterminação o que é melhor para si próprio sem depender que alguém lhe conduza. (KANT, 2005, p.65). Algumas pessoas dependem dos vínculos de compromissos. Segundo Adorno. “ Frequentemente pessoas bem-intencionadas e que se opõem a que tudo aconteça de novo citam o conceito de vínculos de compromisso” (ADORNO, 2012, p.124). O conceito vínculos de compromissos, está ligado a sujeição das pessoas, e a dependência de normas, mandamentos que não foram produzidas pela consciência de si próprio, mas porque alguém o conduziu. A partir do momento em que algo seja feito por um acordo e não por escolha consciente, o vínculo de compromisso perde sua legitimidade, independentemente de ser bom ou ruim. Pois não se trata de uma escolha reflexiva

e crítica, mas da escolha de um que conduz os demais. O que pode ser chamado de autoridade de compromissos.

A autoridade é aceita pela vontade de estar ao lado do poder, mesmo que este esteja errado, induzindo pela falta de esclarecimento a uma heteronomia. Sujeitar-se ao autoritarismo, no sentido de Auschwitz, teria como explicação a participação, pela ausência da autonomia e da reflexão dos atos. Como no caso dos Algozes, que tinham o papel de execução das vítimas, e que em sua grande maioria eram filhos de camponeses, pois no campo a educação como tomada de consciência tem sua ausência na falta de iniciativas educacionais e na defasagem cultural. Referente a ausência de iniciativas educacionais no campo Adorno diz.

(...). Para mudar essa situação, o sistema normal de escolarização, frequentemente bastante problemático no campo, seria insuficiente. Penso numa série de possibilidades. Uma seria--- e estou improvisando---o planejamento de transmissões de televisão atendendo pontos nevrálgicos daquele peculiar estado de consciência. Além disto, imagino a formação de grupos e colunas educacionais móveis de voluntários que se dirijam ao campo procurem preencher as lacunas mais graves por meio de discussões, de cursos e de ensino suplementar. Naturalmente sei que dificilmente essas pessoas serão muito bem vistas. Mas com o passar do tempo se estabelecerá um pequeno círculo que se imporá e que talvez tenha condições de se irradiar. (Adorno, 2012. P 126.).

A educação no campo deve contemplar o modelo de ensino esclarecedor, na medida que consiga se estabelecer, ela conseguirá mudar o cenário de sujeição. Vale ressaltar as palavras de Adorno. “ Entretanto não deve haver nenhum mal-entendido quanto a inclinação arcaica pela violência existente também nas cidades, principalmente nos grandes centros. ” (Adorno, 2012 P 126.). Portanto a barbárie não está no campo ou nos grandes centros, ela está no homem. E é a partir do homem que devesse educar para assim tomar consciência das suas ações, indiferente do seu local.

Mas como combater a barbárie, se ela não está nos locais, mas sim nos homens? Independente de campo ou cidade. Para Adorno é necessário, identificar aquilo que causa a cegueira, aquilo que causa a sujeição a autoritários, ou seja, reconhecer a cegueira coletiva. Pois identificada a autoridade vinculada a modos de agir coletivamente, é também, identificado o problema da coletivização. Adorno, diz:

(...). Por um lado, eles representam a identificação cega com o coletivo. Por outro, são talhados para manipular massas, coletivos. Considero que o mais

importante para enfrentar o perigo de que tudo se repita é contrapor-se ao poder cego de todos os coletivos, fortalecendo a resistência frente aos mesmos por meio do esclarecimento do problema da coletivização. (ADORNO,2012, p,127).

A resistência deve contrapor-se a tudo que condiz ao coletivo, pois o coletivo manipula as pessoas a partir do momento que inclui na coletivização, deixando-as a mercê das ações autoritárias. Segundo Adorno, o mais importante é enfrentar a coletividade, pois assim cria-se a resistência necessária para que tudo não se repita, evitando assim a barbárie. A partir do momento em que se tem a consciência daquilo que é manipulador, não se permite que exista o manipulado. Por esse motivo é necessário conhecer o que é manipulador, ou seja. Tudo aquilo que condiz a costumes a rito de passagem, pois nas primeiras experiências com o coletivo se torna clara sua intenção em prejudicar ou causar sofrimento. Segundo Adorno. “ A brutalidade de hábitos tais como os trotes de qualquer ordem, ou quaisquer outros costumes arraigados desse tipo, é precursora imediata da violência nazista. ” Adorno, 2012, p,128. Os primeiros contatos com os costumes do coletivo, foram atos de experiências violentas, Adorno chama a atenção para que a partir da consciência daquilo que é feito para ingressar no coletivo, tenha consciência das atrocidades que o mesmo coletivo pode reproduzir com os demais. O caráter manipulador, é desenvolvimento no primeiro contato com o manipulado, quem a deixa permitir a violência é também violento com os outros. A manipulação é condizente com a violência, com a indiferença e com a dor em si próprio e com os demais. Adorno diz

Quem é severo consigo mesmo adquire o direito de ser severo também com os outros, vingando-se da dor cujas manifestações precisou ocultar e reprimir. Tanto é necessário tornar consciente esse mecanismo quanto se impõe a promoção de uma educação que não premia a dor e a capacidade de suportá-la, como acontecia antigamente. (ADORNO,2012. P,129.)

Portanto para que a resistência seja consciente ela precisa ser contrária a violência, as pessoas precisam contrapor-se daquilo que provoca sofrimento para pertencer. A educação não pode compactuar com ritos, costumes para entradas em grupos, mesmo que seja em pequenos grupos, ela precisa contestar a isso. O papel da resistência em grupos coletivos é de conscientização desde a primeira experiência, pois o caráter manipulador apresenta-se no exato momento em que se deixa pertencer. A violência organizativa dos nazistas era demonstrada no primeiro contato. Levando os sujeitos confundirem entre violência e disciplina, o rigor as

atividades não podem serem humilhantes, a identidade de um grupo não pode ser feita a partir do seu grau de manipulação. Talvez seja a partir do caráter de manipulação que podemos entender como pessoas civilizadas fizeram parte de Auschwitz, a incapacidade para decernir entre severidade e disciplina pode ser entendida a partir desse rigor nazista, a falta em especial de amor a si mesmo e aos outros, demonstram qual difícil era amar aqueles que não são amáveis assim. Cria-se um círculo entre violência, frieza e manipulação.

4. Educação e emancipação

4.1. Primeiras considerações.

A justificativa para que Auschwitz não se repita está na primeira recomendação relacionada diretamente com a educação. Segundo Adorno: “ A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. De tal modo ela precede quaisquer outras que creio não ser possível nem necessário justifica-la. ” (ADORNO, 2012, p119.). No entanto, a atenção necessária para que a barbárie não se repita, ainda não foi trabalhada como deveria ser. O não recordar o passado pressupõe que as questões relacionadas a Auschwitz ainda são estranhas as pessoas. Estranheza que se deve ao fato de tal monstruosidade estar diretamente ligada a questão da consciência e de inconsciência dos atos.

O problema das causas da barbárie está ligado ao conceito de civilização, de um lado temos alto desenvolvimento tecnológico, do outro, atraso na sua própria civilização, isso é, enquanto desenvolve toda técnica necessária para o progresso, deixa-se o lado humano de lado, tomado pela agressividade primitiva, ou seja, um impulso de destruição caracterizado como o perigo que tudo que se viveu em Auschwitz venha a acontecer novamente, pois muda os cenários e as pessoas, mas a barbárie continua intrínseca na humanidade. Enquanto não se tem a consciência daquilo que a barbárie é, e o que ela representa, identificando psicologicamente indícios de regressão a barbárie, ela continuará a existir permeando as sociedades. Mas nem toda forma de violência que apresenta na sociedade é a barbárie. Adorno diz:

(...). Bem, parece ser importante definir a barbárie, por mais que me desagrade. Suspeito que a barbárie existe em toda parte em que há uma regressão à violência física primitiva, sem que haja uma vinculação transparente com objetivos racionais na sociedade, onde exista, portanto, a identificação com a erupção da violência física. Por outro lado, em circunstâncias em que a violência conduz inclusive a situações bem constrangedoras em contextos transparentes para a geração de condições humanas mais dignas, a violência não pode sem mais nem menos ser condenada como barbárie.(ADORNO,2012, p 159.)

A definição do que é a barbárie parece ser o ponto de partida para contrapor a ela mesma. É necessário saber distinguir aquilo que provoca a barbárie e aquilo que realmente é a própria barbárie humana. Pois, quando não se conhece o que é a barbárie, até a própria educação pode e tornar um elemento para instigar a barbárie. Um exemplo claro de barbárie dentro do ambiente educacional é a competição. A competição dentro da escola quando não bem promovida, torna-se aparentemente provocadora da barbárie em alunos. Segundo Adorno: “ A competição é um princípio no fundo contrário a uma educação humana. ”(ADORNO, 2012,p161.) Competir fortalece o instinto humano em relação a vencer os outros, de forma saudável como na pratica de esportes ela deve ser prestigiada, ao contrário, quando torna-se elemento opressor ela deve ser combatida. Existe outras formas de aplicar a competição de maneira positiva, quando ela colabora para o crescimento de si próprio e não como um comparativo entre pessoas do mesmo grupo, pois quando isso acontece ela contrapõe-se a educação humana.

A educação precisa ser de forma humana, superando as formas errôneas de educar, pois é a partir da educação que conseguimos refletir de forma conscientes sobre os nossos atos. Mas precisamente em como agir no convívio em sociedade, pois até uma simples competição pode ser elemento despertador da barbárie. Deste modo podemos observar os deslocamentos culturais que permeiam nossa sociedade e que de alguma forma reflete nos sintomas de barbárie. A desbarbárizada da humanidade está ligada na transformação cultural que a educação pode fazer para quem nela está disposto refletir. No entanto a transformação cultural não deve deixar as pessoas como pessoas apáticas, que aceitam tudo sem questionar, sem sentir sentimentos como a raiva. Educar para combater a barbárie nada tem haver com submissão, a submissão faz parte de um estado de barbárie, quando se detém que o outro deixe de expressar suas emoções, isso pressupõem um autoritarismo para a passividade.

4.2 Processo para emancipação.

Os dois modelos diferentes de autoritarismo, um que é favor da barbárie e outro que é consciente e contra a manifestação da barbárie. O primeiro, a favor da barbárie, é aquele que submete as pessoas, deixando-as alienadas. O segundo modelo, parte do princípio de autoridade consciente utilizado na primeira infância,

como ato de reprimir ações que provoque o estado de barbárie nas crianças. Adorno exemplifica da seguinte maneira. “...Quando os pais dão um palmada na crianças porque ela arranca as asas de uma mosca, trata-se de um momento de autoridade que contribui para a desbarbarização.” (ADORNO, 2012,p, 167).

A autoridade positiva, está relacionada ao processo de emancipação, pois um sujeito emancipado não é aquele que protesta contra todos os tipos de autoridade, mas sim sabe diferencia-las e a partir da diferenciação rompe com a autoridade, tornando-se um sujeito autônomo. Essa emancipação autônoma não é possível sem o contato direto com a autoridade, é este processo que contribuiu para a descoberta da identidade. Pois a emancipação é formada a partir do modelo de firmeza do eu. Contudo para que o desenvolvimento na formação possa resultar na emancipação cabe o uso da autoridade, neste caso, a autoridade é representada pelos pais, ou por pessoas interessadas na educação. Essa forma de educar precisa contemplar a necessidade de educar para a resistência e para a contradição, visando a socialização das pessoas, desde a primeira infância até tornarem adultos responsáveis e emancipados.

O processo para emancipação precisa ser condizente com a realidade política, com a conscientização da manipulação e com a tomada de consciência para assim ter a resistência necessária para uma vida emancipada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo sobre a emancipação e educação contra a barbárie.

O processo para a emancipação precisa estar inserido no ambiente escolar, familiar e social. A maneira como tal processo transcorre precisa estar em conjunto, contemplando o desenvolvimento de sujeitos esclarecidos. Para que o desenvolvimento possa ser coerente é preciso estar de acordo com o processo histórico, neste caso, o processo histórico é em conjunto com a elaboração do passado mais precisamente após o regime nazista, pois o que mais importa no processo de emancipação é evitar a barbárie.

A barbárie quando não é de causas psicológicas, é resultado da alienação e ignorância. A alienação neste caso vem da falta de autodeterminação e de esclarecimento. Muitas vezes adultos que concluíram toda a trajetória acadêmica continuam presos na ignorância, pois educação no sentido emancipação não se aprende com modelos tradicionais escolares, mais sim com uma formação humana, voltada para o desenvolvimento da própria humanidade. Não se pode pensar em emancipação apenas no sujeito que obedece às normas e forma condizente com os costumes. Mas sim, com o sujeito que resiste no sentido de questionar aquilo que lhe é imposto.

Portanto o questionar e esclarecer são pressuposto para uma vida livre da barbárie, para que Auschwitz não se repita. Para que o manipulado saiba identificar o manipulador e assim evitar a alienação. Que seu poder de escolha parta da sua própria vontade e não da vontade coletiva. Essa adaptação com as condições impostas resulta em uma não emancipação. Para reverter a não emancipação e evitar a barbárie a educação precisa ser emancipadora, precisa ser uma educação voltada para o lado humano. Somente assim, a humanidade poderia controlar e evitar que a barbárie retorne.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.W. **Educação e emancipação**. São Paulo. Paz e Terra, 2012.

ADORNO, T. W. **Dialética do Esclarecimento**. São Paulo. Zahar. 5ª edição. 2000.

ADORNO, T. W. **Dialética Negativa**. São Paulo. Madri 1995.

DUARTE, Rodrigo. **Adorno/Horkheimer e a Dialética do Esclarecimento**. 2ª edição. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. Ed. 2004.

GALLO, S.; KOHAN, W. O.; GUIDO, HUMBERTO. **Princípios e possibilidades para uma metodologia filosófica do ensino de filosofia: histórias, temas e problemas**. In: CARVALHO, M., CORNELLI, G. Ensinar filosofia. Especialização em ensino de filosofia para o ensino médio – UAB, Volume 2, Vários autores, Cuiabá, Central de texto, 2013.

KOHAN, WALTER, O. **Infância. Entre Educação e Filosofia**. Belo Horizonte. Ed. Autêntica 2003. (Coleção Educação: Experiência e sentido)

RANCIÈRE, JACQUES, **O mestre Ignorante** - Cinco Lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte. Autentica, 2002.

DOCUMENTOS CONSULTADOS *ON LINE*

Tese do professor Delcio Junkes, disponível em:
<http://www.dfmc.ufscar.br/uploads/publications/4f048e156af0f.pdf>.

Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia: Disponível em:
http://www.theoria.com.br/edicao0109/Educacao_e_Amancipacao.pdf